



Quilombolas, japoneses e o ‘macaco’ Jupará’ em roças de quase tudo no Sul da Bahia, Brasil

Quilombos, Japanese, and the Kinkajou "monkey" in polyculture farms of the south Bahia, Brazil

Guimarães, Eduardo. Doutor em Estudos Étnicos de Africanos

Professor Assistente Universidade do Estado da Bahia/Coordenador Agrossilvicultura São Cosme e São Damião, eaguimaraes@uneb.br.

Eixo Temático: Terra, Território, Ancestralidade e Justiças ambientais

Resumo: Nesta comunicação, reflete-se sobre os sistemas de policultivo existentes no Baixo Sul da Bahia, tendo em vista a sua importância na sustentabilidade da agricultura. A principal atividade econômica é a agricultura e, nas pequenas roças predominam cultivos extremamente diversificados. O objetivo do estudo é refletir sobre este modelo agrícola – conhecido como ‘plantar misturado’ ou roças de quase tudo - desenvolvido por indígenas, escravizados fugitivos de grandes plantações e seus descendentes. Nos marcos do processo de modernização da agricultura, concebido para superação do *atraso* do meio rural, uma verdadeira *amnésia história* torna invisíveis esses sistemas agrícolas. Nas pesquisas, *agricultores japoneses* sintetizam o novo e mesmo o inusitado, pois embora tenham chegado à região em meados do século XX se destacam como “inventores” dos sistemas. O epílogo da epopeia fica a cargo do Jupará, animal, supostamente, responsável pelo plantio das primeiras roças de cacau do Sul da Bahia.

Introdução

Empata Viagem é um grande quilombo reconhecido pela Fundação Cultural Palmares que reúne seis ‘pequenos Quilombos’, habitados, sobretudo, por descendentes da “Velha Honória”, mulher negra, escravizada em roças de mandioca e engenhos de farinha. O trabalho de campo, a experiência como agricultor e o diálogo com a bibliografia levantada deram suporte às reflexões.

A distância dos grandes rios; solos com baixa fertilidade, em função de limitações físicas e químicas e relevo acidentado mantiveram o território de Empata Viagem e, praticamente, todo o Baixo Sul, por muito tempo, fora do interesse dos grandes cacauicultores. No entanto, a localização espacial do Empata Viagem a meio caminho entre os portos da baía de Camamu e as grandes plantações de cacau localizadas na área de influência do Vale do Rio de Contas, são fatores explicativos importantes das relações do quilombo com a cultura do cacau. E se essa referência é “indispensável” é, também, porque o cacau está na origem do Empata Viagem, diferentemente do que ocorreu com as comunidades Quilombolas do Baixo Sul.

As famílias quilombolas em interação com o rico acervo de diversidade biológica do lugar cultivam o cacau em suas roças “misturado” com “as coisas nativas que não se planta e que só se desfruta e as coisas praticamente nativas que também se planta”, utilizando as palavras de uma liderança do Empata Viagem (Guimarães, 2017, 143).



Foi essa via privilegiada que também delineou o processo de ocupação do Baixo Sul da Bahia, região que abriga o maior número de comunidades quilombolas certificadas no Estado - pelas comunidades negras rurais, exceto pela importância exacerbada do cacau. Por fim, a localização estratégica do território tornou o Empata Viagem rota importante de tropeiros que transportavam o cacau produzido no Vale do Rio de Contas em direção aos portos exportadores e abasteciam as fazendas do interior com cargas de toda natureza.

Há ainda uma dimensão do cultivo do cacau com a qual a temática central da comunicação dialoga: o respeito às exigências edafoclimáticas do cacauzeiro. Encontra-se na tradição oral do lugar a máxima: “o cacau era, assim, lugares, boqueirão, roça de córrego”. Pois bem, ao mesmo tempo em que o cacau era uma cultura de menor relevância em decorrência das limitações de solo, predominavam em Empata Viagem e em todo Baixo Sul, no período anterior à abolição, cultivos de mandioca e grandes engenhos de farinha movidos à força hidráulica, nem mais e nem menos brutais que os engenhos de açúcar do Recôncavo.

Metodologia

As bases das ideias que permitiram a construção da comunicação estão na etnografia que realizei nas comunidades remanescentes de Quilombos da Região de Empata Viagem, entre os anos 2014 e 2016, nas entrevistas e histórias de vida, na pesquisa bibliográfica sobre tecnologias agrícolas e Agricultura Familiar no Baixo Sul e em experiências vividas ao longo dos últimos 30 anos, como pequeno agricultor.

Resultados e discussão

De fato, se essa referência ao Empata Viagem é “indispensável”, é porque os pequenos quilombos do Empata Viagem não estão nem lá, nem cá, isto é, não estão efetivamente na Região Cacaueira, nem no Baixo Sul da Bahia: estão nos limites, nas fronteiras e, sobretudo, nos encontros. Predominam em Empata Viagem, como no Baixo Sul, pequenas propriedades com menos de 10 hectares, de acordo com o Censo Demográfico de 2006, que produzem quase tudo. De acordo com as pesquisadoras da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, Eloina Matos & Mariella Uzêda (s/d, 1), no Baixo Sul “o tamanho das propriedades é muito reduzido e o aproveitamento do terreno é quase total (...), com sistemas produtivos muito diversificados voltados para a geração de renda e segurança alimentar”. Dados levantados pelo Centro Interdisciplinar de Desenvolvimento e Gestão Social da Escola de Administração da Universidade Federal da Bahia, sobre a estrutura fundiária do Baixo Sul, mostram que embora cerca de 70% dos imóveis sejam menores que um módulo fiscal - o que representa pouco mais de 15% da área total do Território - no outro extremo, a grande propriedade agrícola – um pouco mais de 1% do total - ocupa cerca de 30% da área total, revelando um quadro de extrema concentração fundiária (Fischer, 2007, p. 167).



Nesses territórios, desde os primeiros tempos da colonização, planta-se de quase tudo e tudo misturado. Seria enganoso não apontar aqui o protagonismo negro e indígena no modelo agrícola predominante no Baixo Sul, em Empata Viagem e, também, nas pequenas roças na Região Cacaueira da Bahia. A esse respeito há que se fazer referência a forte presença negra na população do Baixo Sul – mais de 80% da população é preta ou parda segundo o censo de 2010 –, e aos numerosos mocambos e quilombos existentes na região, “formados por negros fugidos da dominação escravista” (Olalde et. al., 2006). De acordo com o Plano de Desenvolvimento do Território Baixo Sul da Bahia do Ministério do Desenvolvimento Agrário, publicado no ano de 2010, o Território possui 101 comunidades quilombolas, sendo 67 reconhecidas pela Fundação Cultural Palmares. Como se depreende, o “Baixo Sul poderia se dizer ser um território quilombola, possuindo comunidades remanescentes de quilombos em todos os seus municípios e cultura fortemente marcada por suas raízes africanas”. O que se verifica, antes de tudo, é que onde existem quilombos eles estão localizados em espaços agrícolas marginais, geralmente, com predominância de solos com baixa fertilidade natural e planta-se de quase tudo misturado, um artifício importante que garante a manutenção da produtividade da terra, enriquecimento da fauna e da flora, ganhos nas condições de ambientais, bem como uma adaptação às condições ecológicas locais.

Mas não podemos olvidar uma questão de suma importância que coloca em risco a sustentabilidade: o paradigma ‘desenvolvimentista’ presente nas políticas públicas voltadas à agricultura familiar. Trata-se de uma questão essencial na medida em que implica trocar um modo de vida camponês, que garante a sustentabilidade da vida, nas suas mais variadas formas, pela busca do lucro. É o que pode ser percebido nas tentativas da Secretaria do Meio Ambiente da Bahia de introdução do eucalipto no Baixo Sul, através do Programa Agricultor Florestal. É esse desvio que se observa nas políticas governamentais voltadas à agricultura familiar na Bahia, possivelmente por pressão de grandes grupos econômicos.

Não obstante a importância socioambiental das roças de quase tudo as comunidades quilombolas são, digamos assim, deixadas de lado pelas pesquisas agronômicas convencionais, e imigrantes japoneses e seus descendentes ‘roubam a cena’ como ‘novidades teóricas’ nos trabalhos científicos sobre os sistemas de policultivo da agricultura familiar. Nas pesquisas, agricultores japoneses, não obstante o reduzido número de famílias e a chegada à região entre os anos 50 e 60 do século passado (JESUS, 2013), sintetizam o novo, o inesperado, aparecendo como “inventores” dos sistemas de policultivo.

Olalde et. al. (2006), por exemplo, em trabalho apresentado ao VII *Congresso Latinoamericano de Sociologia Rural*, caracterizam o Baixo Sul como uma região essencialmente policultora. No trabalho, as pesquisadoras utilizam dados da “História Oral” das comunidades e realizam um levantamento dos processos de implantação dos Sistemas Agroflorestais entre agricultores do Projeto Onça, no município de Taperoá, concluindo que “... foi com os japoneses que as comunidades aprenderam a plantar ‘misturado’” (2006, 18).



O que mais chama atenção em tais pesquisas é persistência de uma perspectiva epistemológica ‘monocultural’ que impede a emergência de outras formas de saber. Não raramente, pesquisadores e pesquisadoras confundem diversificação agrícola com sistemas de policultivo, apresentam cultivos em consórcio como exemplos do ‘plantar misturado’ e, sobretudo, negam o protagonismo de indígenas e africanos escravizados e seus descendentes na criação e desenvolvimento do ‘plantar misturado’ em uma manifestação clara de epistemicídio – negação e destruição de formas de saber local e de visões multifacetadas de mundo por elas protagonizadas (Souza Santos, 2009). É possível, ainda, perceber nas pesquisas, lacunas em evidências empíricas claras e, inclusive, distanciamento das bases documentais da historiografia regional.

Nesse quadro, não há como ignorar os ‘vínculos urbanos’ dos japoneses e a importância do acesso à tecnologia, bem como as facilidades maiores no acesso ao crédito e à assistência técnica em relação aos agricultores e agricultoras familiares “aquilombados” nas “terras de preto”, que acessam os centros urbanos basicamente nos finais de semana, nos dias de feira. Assim, diante da ciência agrônoma que se intitula moderna, os pesquisadores, mesmo reconhecendo a importância dos sistemas de policultivo, como “alternativa para a agricultura familiar da região úmida da Bahia” (Matos e Uzêda, s/d, 1), ‘cruzam os braços’ diante de tecnologias agrícolas que possibilitam o cultivo de quase tudo misturado, ou mesmo, diante de agricultores e agricultoras que dominam as tecnologias associadas à agricultura de coivara e, principalmente, ao cultivo no sub-bosque da Floresta.

Os agricultores japoneses e seus descendentes acabaram se consolidando como objeto de estudo preferencial no âmbito da temática da Agricultura Familiar no Baixo Sul. Não é por acaso que as pesquisadoras da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, em pesquisa realizada entre os anos de 2004 e 2005, com agricultores familiares, identificaram um sistema de produção agroflorestal – denominado “salada” pelos próprios agricultores - que deveria ser incentivado pelo poder público como “alternativa para a agricultura familiar da região úmida da Bahia” (Matos e Uzêda, s/d). As autoras atribuíram o sistema à “influência de agricultores japoneses”, responsáveis diretos pela diversificação agrícola regional. Os resultados das pesquisas são contundentes: SILVA et. al.(2009, 4.426) conclui que os imigrantes Japoneses teriam orientado os agricultores locais na lida com os plantios “misturados”. De forma simétrica, Santos et. al. (2006), em estudos sobre cultivos de alto valor comercial na diversificação da agricultura familiar, entre agricultores japoneses, afirmam que teria existido na região certa tendência em imitar Japoneses, que para salvaguardar seus cultivos - manter a exclusividade - foram obrigados a escondê-los, o que teria suscitado a retirada de sementes e mudas de forma furtiva das propriedades de japoneses por agricultores e agricultoras locais. Quilombolas do Empata Viagem, distantes dos japoneses e tendo nos calcanhares as grandes monoculturas de cacau, plantam quase tudo ‘misturado’ ao criar sistemas agroflorestais pouco se distinguem das florestas originais. Se no Baixo Sul os Japoneses são os ‘inventores’ dos sistemas de policultivo: o ‘plantar misturado’.



No Empata Viagem, o ‘macaco’ Jupará acabou sendo o principal agente agricultor. Como afirma um Engenheiro Agrônomo entrevistado na pesquisa de campo: “O Jupará plantava o cacau em determinado local, vinha o sol e matava, por isso que os grandes cultivos ficaram nas margens dos grandes rios até o final do século XIX”. Pois bem, para muitos cacauicultores tradicionais e, inclusive, agrônomos que atuam na região, o cacau de boqueirão e, até mesmo o Cacau Cabruca foram criados pelo “macaco jupará”. Arrisco ainda afirmar, os quilombolas acabaram imitando o jupará!

Conclusões

Essas pesquisas produzem certo tipo de imagem enredada com o princípio da inércia ao produzir um dado ficcional importante: a imagem de seres sem passado (ancestralidade), sem presente (invisíveis) e sem futuro (fragmentados e dispersos), portanto, fadados à resignação. Nessa perspectiva, revelam a existência de um abismo nas relações entre a ciência agrônômica – pesquisa, assistência técnica e extensão rural - e as comunidades negras rurais que, dificilmente, pode ser transposto.

Referências Bibliográficas

FISCHER, F. (Org.). **Baixo Sul da Bahia**. Uma proposta de desenvolvimento territorial. Salvador. 2007, CIAGS/UFBA, 224p. Disponível em <http://www.veracel.com.br/LinkClick.aspx?fileticket=XHNTAxLguUo%3D&tabid=115&mid=468>. Acesso em: 14 abr. 2018.

GUIMARÃES, E. A. M. **O Quilombo está na Mesa**, Bahia, 2017, 340 p. Tese (Doutorado em Estudos Étnicos e Africanos) Universidade Federal da Bahia.

JESUS, Elivaldo Souza de (2013). Do Japão à Bahia: Tempos, Sujeitos e Travessias. **Anais Eletrônicos do II Congresso Internacional de História Regional**, 2013. – ISSN 2318-6208. Disponível em http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CCgQFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.upf.br%2Fhistoriaregional%2Findex.php%3Foptio n%3Dcom_docman%26task%3Ddoc_download%26gid%3D117&ei=DcjzUqh7waaR B_qFgGA&usg=AFQjCNE5RopYCF15SbfHp59TVPakARakTw&bvm=bv.60799247,d.eW0. Acesso em 06.02.2014.

MATOS, E.; Uzêda, M.. **Salada” Sistema Agroflorestal Diversificado, Invenção da Agricultura Familiar na Mata Atlântica da Bahia**. [Online] Embrapa. Disponível em: <http://www.sct.embrapa.br/cdagro/tema04/04tema40.pdf>. Acesso em 07set. 2012.

OLALDE, A. R.; MATOS, E. N.; CONCEIÇÃO, H. R. O desenvolvimento de Sistemas Agroflorestais pelos agricultores familiares no Baixo Sul da Bahia. In: **VII Congresso Latinoamericano de Sociologia Rural**, Quito. 2006.

Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe - v. 15, no 2, 2020.

XI CBA
Congresso
Brasileiro de
Agroecologia
Ecologia de Saberes:
Ciência, Cultura e Arte na
Democratização dos
Sistemas Agroalimentares



SANTOS, A. P. dos; MATOS, E. N. de; OLALDE, R. A.; OLIVEIRA, G. G. de. 2006. Cultivos Promissores para a Diversificação da Agricultura Familiar do Baixo Sul da Bahia. In: anais do *XLIV Congresso SOBER*. Fortaleza. **Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural**. Disponível em <http://www.sober.org.br/palestra/5/1177.pdf>. Acesso em 13 fev. 2014

SILVA, S. X.de B.; SILVEIRA P.; FIAES, G.; VIANA, T.; ALMEIDA, J.; SILVA F. Sistemas Agroflorestais Desenvolvidos por Agricultores Familiares no Território do Baixo Sul da Bahia. In: Resumos do VI Congresso Brasileiro de Agroecologia e II Congresso Latino Americano de Agroecologia. Experiências em Agroecologia. **Revista Brasileira de Agroecologia**, V. 4 n.1 p 4425-4428., 2009.

SOUZA SANTOS, B de. **Para além do pensamento abissal**: das linhas globais a uma ecologia de saberes. *Novos estudos*. - *CEBRAP*, 2007, São Paulo, n. 79, Nov. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/nec/n79/04.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2016